

# MEMÓRIAS POÉTICAS DE AUTORAS NEGRAS: REINVENÇÕES DE (RE) EXISTÊNCIAS

Ana Rita SANTIAGO\*

■ **RESUMO:** A escrita literária de autoras negras, muitas vezes, é uma dobra de práticas de autonomia, pois sua produção literária subverte práticas de banimento de suas vozes autorais. Suas tessituras, neste sentido, tornam-se modos de assenhramento e interpretação de si. Com a linguagem literária, elas inscrevem e escrevem outras dicções de si (nós), desenhadas por histórias, memórias pessoais e coletivas e por projetos identitários e literários em que se quer longe de marcas de subalternidades e apagamentos. Elas encenam eu (s) referenciais e poéticos, descosendo algumas recordações do que se quer esquecido e inventando memórias e poéticas do que se quer lembrado. Assim, neste texto, apresentam-se leituras descritivo-interpretativas de suas memórias poéticas com o objetivo de colaborar com a formação de seu público leitor.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Autoras negras. Memórias poéticas. Reinvenção.

## Mulheres negras: de personagens a autoras

Eu disse: o meu sonho é escrever!  
Responde o branco: ela é louca.  
O que as negras devem fazer...  
É ir pro tanque lavar roupa.

(Carolina Maria de Jesus)<sup>1</sup>

O árduo ofício da escrita literária, por vezes, tem sido exercido por autoras negras como um exercício de auto-governabilidade, na perspectiva de Michel

---

\* UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Formação de Professores – Curso Licenciatura em Letras (Libras/Língua Estrangeira) – Cruz das Almas – BA – Brasil. 44380-000 – anaritasilva@ufrb.edu.br.

<sup>1</sup> (1993, p. 201). Carolina Maria de Jesus (1915-1977) escreveu as seguintes obras: *Antologia Pessoal* (obra póstuma), *Quarto de despejo* - Diário de uma favelada, *Casa de Alvenaria*, *Provérbios*, *Pedaços da fome*, *Diário de Bitita*.

Foucault (1997), e (ou) de empoderamento, como movimentos sociais negros feministas, tão acertadamente, referem-se ao exercício de busca de autonomia e assenhoração de mulheres negras, nacional e internacionalmente. É, neste sentido, que, em suas tessituras, há versos e narrativas que forjam discursividades em prol de banimento do apagamento de suas vozes autorais, em processos e em construção, de oportunidades, modos e condições de produção, edição e circulação de suas palavras literárias.

Em suas práticas discursivas, ainda, tecem, em um tom denunciativo e propositivo, posicionamentos mediante o racismo e sexismo, quase ou efetivamente, como exercitação de militância, convidando o (a) leitor(a) a pensar sobre as tramas das desigualdades raciais e de gênero sem o intuito de fazer uma literatura panfletária, mas com o compromisso de uma escrita emancipatória e libertadora. A palavra literária, neste íterim, é quase cortante de tão incisiva como canta a voz poética de “Ser poeta”, de Jocelia Fonseca<sup>2</sup>.

É tomar um gole  
De brasas acesas  
E não beber água em seguida  
Esse ventre há de parir  
Tochas de palavras  
E ações em chamas  
Revertendo todo o processo  
De um mundo caduco.  
(FONSECA, 2012b, p. 57).

Denota-se que aparece, às vezes, em suas escrituras, a utilização da linguagem literária para desenharem possibilidades criativas e estéticas de autoformação, ou seja, de contestação de ditos e traços identitários a elas atribuídos, pautados em subalternidades, subserviências, estereótipos, estigmas e preconceitos. E, a um só tempo, inventam, pela linguagem, afirmativamente, contraditos, feições próprias figuradas por africanidades, histórias e memórias pessoais e coletivas relacionadas às populações africano-negro-brasileiras.

Autoras negras também criam palavras ficcionais e poéticas, com marcas discursivas de autointerpretação, tendo em vista a escrita e constituição de si. Neste aspecto, elas encenam eu(s) referenciais e poéticos, destecendo recordações e lembranças e (re)escrevendo sonhos, histórias, memórias, utopias, incertezas e medos. Com esse foco, cantam e contam, com criticidade, lirismo e (auto)

---

<sup>2</sup> Jocelia Fonseca é atriz, escritora e professora. Integra o grupo Infortúnio Poético. Participou da antologia *Infortuno Poético* (2006).

ficcionalização, seus anseios, labutas, desencantos e sonhos como se apresenta nos versos de “Auto-biografia”, de Lia Vieira<sup>3</sup>.

Auto-biografia

Nasci grande  
nasci escrevendo  
Já Negra bela  
Já Mulher.  
Passei por mãos que me burilaram a forma  
E me conservaram a essência.  
Trilhei caminhos  
Virei mundos  
Busquei céus  
Construí vidas.  
Cantei cantos  
Chorei desencantos  
Edifiquei sonhos  
Fiz revoltas  
Pratiquei vida.  
Ousei, questioneei, debati  
Encontrei na escrita  
A forma, a força, feliz  
E nela sobrevivi.  
(VIEIRA, 2014, p. 137).

Para elas, escrever é se reinventar em novos territórios, temporalidades, atributos e experiências que delimitam práticas discursivas interseccionadas por lirismos, construções e diversos modos de estar e (re)posicionar-se. Neste ínterim, com suas dicções literárias, apontam outras vozes, personagens, possibilidades, memórias, sonhos, trânsitos e mundos. Criam, inclusive, como veremos neste texto, memórias poéticas como escrita de si (nós), em que desfilam fios e fiapos de emancipação comprometidos com vozes poéticas e narradoras diferenciadoras, quiçá, transgressoras.

Suas dobras poéticas se apresentam como práticas discursivas de ressignificação de existências. Neste sentido, escrever, por vezes, torna-se um exercício de

---

<sup>3</sup> Lia Vieira é natural do Rio de Janeiro. Graduada em Economia, Turismo, Letras e doutoranda em Educação pela Universidade de La Habana (Cuba); Universidade Estácio de Sá (RJ). Publicou em diversas edições dos *Cadernos Negros* (Quilombhoje-SP). Já publicou, dentre outras obras, *Eu, mulher* – mural de poesias (1990); *Chica da Silva* – a mulher que inventou o mar (2001); *Só as mulheres sangram* (2011).

resistência contra a invisibilidade, interdições e reinvenções de histórias, sonhos, desejos, afetos e memórias, como se denota na voz feminina de “Abismação”, de Rita Santana<sup>4</sup>.

Cá estou na Abismação de cada instante.  
Arcada ao Par, sem tê-lo.  
Arrastada no levante dos meus ancestrais.  
Quilombola tecendo  
O algodão doce  
Das dúvidas  
Dos dias.

Tear do tempo  
A fiar o ócio dos meus ossos crus.  
Alambique de saudades,  
Pileque de tristezas.  
Enquanto tu, moleque dos meus desmazelos,  
Labutas na plantação de mandioca  
E eu fio  
A alforria dos meus cometimentos.  
(SANTANA, 2012a, p. 20).

É ainda, para algumas, uma recriação de si mesma, sem fixidez, a cada tempo e circunstâncias, tal como Carolina Maria de Jesus constrói sua escrita em “Quarto de despejo” (1993).

Quando eu não tinha o que comer, em vez de xingar eu escrevia [...]. A favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós os pobres, somos os trastes velhos [...]. [...] Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados [...]. (JESUS, 1993, p. 170-171).

A **palavra literária** se apresenta marcada por vozes negras femininas que se auto (re)apresentam em busca de alteridade, emancipação e, a um só tempo, comprometida com invenções de perfis femininos, como autoapresenta a voz de “Oin”, de Mel Adún<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Rita Santana é atriz, escritora e professora. Recebeu, em 2004, o Prêmio Braskem de Cultura e Arte – Literatura pelo livro de contos *Tramela* (Fundação Casa de Jorge Amado). Além de integrar antologias, como *Mão Cheia* (2005), publicou os livros de poemas *Tratado das Veias* (*As Letras da Bahia* – 2006) e *Alforrias* (*Editus* – 2012).

<sup>5</sup> Mel Adún é poeta, jornalista, roteirista e contadora de histórias e diretora da Editora Ogum's

Não se iludam com a doçura do meu nome;  
Sou oxé bilaminado  
Alcançando a garganta dos que lutam pra manter o status quo.  
O contorno do agadá de meu guerreiro. A seta certa do arqueiro.  
Nos dias de ouro renasço redonda. Dourada.  
Sou peixe pequeno beliscando a barra da saia correnteza.  
Nesses dias... adoço-me.  
(ADÚN, 2014b, p. 151).

Algumas exaltam estéticas negras femininas e (re)inscrevem histórias individuais e coletivas, como se apresenta a voz poética de “Autoestima”, de Jocélia Fonseca.

A beleza que nos conduz para a luta  
É a mesma que nos mantém no dia a dia  
Como feras de presas saudáveis  
A agarrar o que nos é direito.  
Tomemos o lugar que é nosso  
Que nos tomaram sem licença.  
Minha licença agora,  
Será apenas por uma questão de educação ancestral.  
Mas olharei na tua cara, através dos teus olhos e direi:  
Não mais conduzirá meus anseios, meu  
amor, minha sorte!  
Sou dona dos meus belos cachos,  
Da minha pele cor de noite  
E do meu nariz.  
Esse nariz.  
Esse nariz que não passa nos moldes que  
Inventaram padrão.  
Vá se chatear você!  
Quando me vir passar com um belo sorriso  
Largo  
Nos meus lábios largos.  
Senhores opressores e preconceituosos da minha vida  
Vá você se inferiorizar!

---

Toques. Participou da *Coletânea Poética – Ogum's Toques Negros* (2014), publicada por essa editora, em 2014. Já participou de várias edições dos *Cadernos Negros* (CN), da Editora Quilombhoje (SP). É autora do livro de literatura infantil *A lua cheia de vento* (2015), pela Editora Ogum's Toques. É mestre em Letras (UFBA).

Vá você se deprimir!  
Porque eu vou passar as ruas como se  
Fossem passarelas,  
A receber esta rainha negra!  
(FONSECA, 2012a, p. 71).

Nesse poema, uma voz inscreve-se, enunciando dizeres e contradizeres de si/nós. Apresenta-se bela, firme em seus propósitos e decidida em defender-se de práticas de racismo e sexismo, banindo recordações e lembranças afins, e em afirmar seu corpo também feminino e negro. Sua voz só aparenta ser individual e íntima, mas se expressa coletiva e, talvez, comprometida com toda verossimilhança. É, simultaneamente, singular e plural. Assim desnuda-se.

Ao se despir, a voz lírica feminina negra traveste-se de ousadia e resistência para demarcar seus repertórios culturais e traços fenotípicos que denotam sua origem étnico-racial. Contudo, esses não são lidos tão somente como traços biológicos. Em verdade, por eles e com eles, são realizadas leituras, produzidas inferências e juízo de valor que geraram (e geram) eventos discriminatórios. A voz poética, em contraposição a tais interpretações e ações, desfila, nos versos, como rainha negra, tecendo fios identitários sinalizados e permeados de reações e práticas antirracistas e antissexistas, determinação, consciência e pertencimento étnico-racial. O sujeito poético, para tanto, recria o vivido pautado na afirmação e assenhoreamento de si, inventando possibilidades de viver e conquistar, no presente, a alteridade e a emancipação.

O eu poético, afirmado pelo eu autoral, torna-se possível expressar dilemas constituídos entre a voz feminina negra literária e a mulher estereotipada pela cultura androcêntrica que lhe reduzira à serviçal e objeto de desejos, já que a arte literária, em muitos momentos, movida pela tradição patriarcal, incumbiu-se de reforçar uma suposta natureza feminina negra, marcada por subalternidades, subjugações, virilidade exacerbada, subserviências e pouca racionalidade.

Nesta perspectiva, este texto tece considerações sobre possíveis funções sociais da produção literária dessas escritoras, levando em conta as possibilidades de reescreverem seu existir e se inscreverem como autoras de práticas de saber e escrita de si como poéticas da (re) existência.

## **De memórias e memorialismos às memórias poéticas**

Jacques Le Goff (1996), ao fazer uma abordagem sobre memória e suas relações com a história apresenta suas múltiplas possibilidades: memória individual/coletiva; memória como narrativa, identidade; memória como conteúdo psíquico; memória social, memória étnica; funções da oralidade e da escrita na construção da memória, dentre outras. O historiador redimensiona os lugares de memórias

que deixam de ser tão somente aqueles já legitimados, tais como memoriais, livros, parques, bibliotecas, museus e arquivos, onde, convencional e historicamente, guardam-se o vivido, histórias e eventos. Esses são considerados, na maioria das vezes, como únicos e exclusivos espaços de arquivamento de recordações e lembranças.

Para Le Goff (1996), ainda, prédios, ruas, casas, praças, jardins, cemitérios, prédios públicos e privados, ambientes naturais, dentre outros, inclusive, são lócus efetivos de conservação de histórias e memórias. Além de tais espaços, necessário se faz apontar as pessoas-memórias das sociedades de tradição oral, arquivistas, por exemplo, haja vista que se constituem como outros relevantes lugares e segmentos de construção de memórias.

Esses territórios e figuras podem abrigar, ao se levar em consideração a abordagem de M. Halbwachs (2006) sobre memória coletiva, lembranças individuais, recordações familiares, comunitárias e sociais, bem como criar e contestar memórias, pois os lugares de memórias não são apenas os documentos, mas são também os espaços materiais e imateriais. Desse modo, relevante se faz entender as memórias não tão somente como um produto pessoal, mas como um legado de caráter familiar, grupal e social, a que se refere Ecléa Bosi (1994), já que são compostas por acontecimentos, diversos espaços, sentimentos, simbologias, personagens, pessoas e imaginários que transitam entre o passado e o presente e entre o individual e o coletivo. Por e com as memórias individuais e coletivas, pois, podemos voltar ao passado, revivê-lo, reinventando-o e, concomitantemente, torná-lo presente para a coletividade.

Para se pensar em memórias poéticas, é preciso compreendê-las como modos de autoconstituição de autoras negras, pois, através de poéticas de si (nós), cosem fios, fiapos e retalhos de memórias, selecionam (ficcionalizando ou poetizando) recordações que desejam que sejam lembradas e desdizem ditos sobre si (nós) que as subjagam. Assim, suas memórias poéticas instituem-se como invenções afirmativas e diferenciadoras de si (nós).

Necessário também se faz entendê-las como práticas de escritas de si, conforme situa Foucault (2006), ou seja, como escrita de si como a arte de si mesmo, a qual consiste em um exercício de instituição de uma escrita que se desdobra ao mesmo tempo em formação de si e em desierarquização de saberes e já ditos de si. Além disso, significa construir processos de subjetivação, garantindo soberania para ter poder e saber como um ato político e para criar outros modos de constituição. A escrita de si, portanto, não é apenas uma elaboração sobre si, mas é também (des) ditos de saberes apreendidos, adquiridos, memorizados, externos e não originários, segundo Santiago (2012).

Em memórias poéticas de escritoras negras constata-se discursividades que se configuram como um contar/cantar sobre si (nós). Para tanto, apropriam-se dos vários espaços e campos pelos quais teceram suas existências, guardam

suas recordações para inventar memórias e, quiçá, suas (re)existências. É nesta perspectiva que desponta o interesse de realizar leituras interpretativas de seus textos, levando em consideração a produção de textos autorreferenciados e a memória autobiográfica, relacionadas com as implicações sociais e coletivas.

Tais memórias não apenas visitam ou reinventam o vivido e ressignificam o passado, mas também narram construções de diversos eu(s) e elaboram significações sobre o presente. Nesse aspecto, como uma escrita de si, além de permitir o tecido de memórias de si, possibilita a atribuição de sentidos de histórias individuais e coletivas e tramas do aqui e agora. Provavelmente por isso tenhamos que concordar com Alba Olmi (2006, p. 36): “O que está em jogo, portanto, não é somente a compreensão do passado, mas, sobretudo, a interpretação do presente e da maneira pela qual nossa vivência pessoal se insere na história da coletividade à qual pertencemos.”

Memórias poéticas, portanto, se configuram como um memorialismo dissertativo (OLMI, 2006), haja vista que não se trata apenas de recordar, mas também de compreender o narrado e os processos de organização, de funcionamento e constituição das memórias. Estabelecem-se, além disso, um memorialismo narração/fictício, quando supõe ficção e não há explicitamente o propósito de uma reflexão dos processos de memória. Entendemos, diante disso, que, através de memórias literárias, como exercício da linguagem, algumas autoras negras ficcionalizam histórias de vidas, imaginárias e eventos, recriando memórias de si/outro, de identidades e sociedades, tecendo considerações, tornando tênue o distanciamento entre o eu/nós ficcionais e o eu/nós referenciais, negociando e contestando, com a escrita, o que se quer lembrar, esquecer e reinventar.

As memórias poéticas, desse modo, se constroem amparadas não somente pelos fatos ou pelo supostamente vivido, individualmente, mas também por significações atribuídas aos territórios, experiências pessoais e coletivas e, inclusive, àquilo que se escolhe ficcionalizar, lembrar e esquecer (POLLAK, 1989). Garantem, aparentemente, presentificar o já vivido, impossível de ser revivido, mas passível de invenção e de recriação pela linguagem. Assegura, ainda, reconstruir aquilo que, movido por sonhos e desejos, parece perene e eterno, mas é tão efêmero e fugaz quanto o existir.

Em “*Cry me a river*”, de Mel Adún, uma voz poética narra, reiteradamente, um tempo afetivo vivido marcado por lágrimas e inverdades, mas também, em um tom irônico, mostra-se ciente e decidida a mudar o curso dos rios.

Não venha  
Com desculpas  
Esfarrapadas.  
Nem se atreva  
No gracejo



Ao roubo do beijo.  
Já chorei rios por você.  
Continue de cabeça baixa  
Voz embargada  
Chore-me enxurrada,  
Eu já chorei rios por você.  
Você senhor das certezas,  
Certo do seu desamor por mim.  
Eu te amo quando sai da sua boca  
É nada, é trote,  
Nota de três reais.  
Sou só uma gota comum  
E vc, pobre rapaz...  
Chore-me enxurrada,  
Eu já chorei demais.  
(ADÛN, 2014a, p. 156)

Com a linguagem, torna-se possível inventar um movimento que afiança que os (alguns) sujeitos, sentimentos e acontecimentos sejam imortais e memoráveis e outros (muitos) sejam esquecidos. Por conta disso, pelas memórias se enunciam feitos (extra)ordinários e heroicos, tendo o poder de construir figurações de si (nós), enfrentar a fugacidade do tempo de, quiçá, ressignificar e tornar audíveis vozes, porventura, esquecidas, mas também atos ordinários e, aparentemente, sem destaques e marcados por choros, abandonos e desafetos como se apresentam nos versos acima. Mas deles se tecem caminhos em que a voz poética feminina forja a decisão de não mais chorar.

Tal prática oscila entre o eu ficcional e o eu referencial, não com tom de biografismo intimista, mas com traços e fragmentos de autoconstituição e de também fazer conhecer histórias de si, entrelaçadas por outras narrativas de pessoas, personalidades e personagens, de lugares e eventos. Mostra anseios autorais de se desdizer verdades atribuídas de subserviências, de se destecer qualitativos que ameaçam e, ao mesmo tempo, tecer uma escrita de si que em que escritores/as narram de si e do outro, ficcionalizando vivências, trajetórias e sentimentos do eu/nós.

Em “Agrestidade”, de Rita Santana, o sujeito poético feminino apresenta uma interpretação de si (de ter se tornado bruta), com versos narrativos, perfilhados por cansaço, desânimo e fracasso, mas também por tentativas de reversão.

Tornei-me bruta  
Após travar batalhas de tentares.  
O tear do tempo cumpriu-se dentro do universo

E eu apenas cedi ao fim.  
Almocei nua no último banquete  
E acendi velas à mesa.

Arrumei minhas tralhas e deixei-as  
Alheias aos venenos da aorta,  
Aos anéis do abandono.

Deixei o feérico, o cupim, a cumplicidade das rotas.  
Fiquei à deriva de mim mesma.  
Feita toda inteira de atordoamentos  
E mutilâncias.

Arrebatada de almas.  
Pouco morta.  
(SANTANA, 2012b, p. 29).

Estar sozinha é uma escolha, muitas vezes, resultante da autorreflexividade, de busca por autonomia da voz poética feminina. Tornar-se à deriva de si mesma talvez seja uma decisão da voz poética feminina por ficar só, que nem sempre é viver em solidão. Resulta também de tropeços, atordoamentos e dissabores. Assim, seguir sozinha (pouco morta) poderá ser um ato de libertação e empoderamento (SANTIAGO, 2010).

Como práticas discursivas, memórias poéticas, por consoante, se desenham longe de fixidez, linearidades, totalidades e próximas de fragmentações, pois se apresentam como fios e fiapos do que se quer lembrado e se figuram entre um eu referencial e um eu ficcional. Desdobram-se na possibilidade de empreender-se um (auto) (re)conhecimento, na procura incessante de desvelamento e (des)construção de eu (s)/nós. Para tanto, versos memorialísticos ganham contornos coletivos, visto que pela experiência de recordar, ou inventar recordações para se forjar memórias, vozes poéticas ressignificam a sociabilidade, ressaltando a função coletiva da memória.

Lembrar, poeticamente, neste sentido, significa um longo processo de imersão no passado, implicando esquecer e/ou revogar lembranças e recordações que colaborem pouco com reinvenções de si, pautadas na autonomia, no sonho, no amor e na liberdade. Além disso, as rememorações poéticas contribuem com escritas de práticas discursivas que teçam narrativas e vozes múltiplas. Destarte, inventar memórias é um ousado exercício de entrelaçamento de fios e fiapos, com o intuito (ou a ilusão) de costurar venturas e desventuras, origens, histórias, sonhos e vivências, ficção e realidade.

## **Ecos de dizeres de si (nós) em memórias poéticas de escritoras negras**

A água minou, minou...

UM DIA

O espelho do olhar se encheu de luz

E água minou, minou...

Seiva pura de Oxum correu

Limpando os corações

Repletos de mundo

E a correnteza sem destino

Se transformou no lago dos olhos

Até transbordar de amor...

Leva tempo.

Há quem me faça sentir...

Um templo sagrado.

Uma cachoeira na mata.

Uma deusa que dança.

Há quem me faça sentir...

... sim...

SOU TODA AMOR

(SILVA<sup>6</sup>, 2014, p. 56)

Com memórias poéticas, autoras negras apresentam uma escrita de si/nós, revestidas e travestidas de múltiplas vozes, universos, imaginários, vivências e esparsas recordações e lembranças. Por tais memórias circunscrevem-se narrações de negritudes femininas por elementos e segmentos de memórias, tradições, ancestralidades e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras, como demonstra o poema “Oração”, de Cléa Barbosa<sup>7</sup>,

---

<sup>6</sup> Daniela Luciana Silva é poeta, jornalista e integrante do Coletivo Pretas Candangas e da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial – Cojira – DF.

<sup>7</sup> Cléa Barbosa é atriz, escritora e professora. Integra o grupo Infortúnio Poético. Participou da antologia *Infortuno Poético* (2006).

Se posso falar de Nossa senhora  
O que impede-me de falar de Oiá?  
Oiá Matamba dança canta no corpo meu  
Minha força minha luta  
História da minha raiz  
Labuta do meu dia a dia  
Avermelhado de vida  
Sou filha sou mãe  
Sou neta da lama sagrada  
Do barro da terra que me benzeu  
Oiá matamba Vanju  
Bamburucema teu ilá  
Ecoa a liberdade da minha alma fêmea  
Guerreira  
O brilho da tua beleza conduz os meus  
Passos  
Mãe sou tua filha concebida pelo amor  
Que trago de tempos outros  
Que nem mesmo atinjo em palavras  
O estrelato do universo me confirma  
A força de Olorum sobre toda a natureza  
Axé!!!  
(BARBOSA, 2012, p. 21)

Nota-se que a voz poética feminina autoriza-se a falar sobre e com Oiá, divindade africano-brasileira, também feminina, a qual tem como arquétipos prevalentes a força, beleza, sedução e o perfil guerreiro. A voz se autodescreve, inventando-se, como filha e mãe, com traços semelhantes a essa figura mítica e sagrada; além de narrar, de modo fragmentado e em versos, sua história, recriando-a e trazendo à tona seus laços e experiências humanas e ancestrais. Ademais, por esses versos, a voz lírica apresenta outras possibilidades de invenções, formações e escritas de si, haja vista que indicam pistas discursivas de auto(re)conhecimento de pretensas eu referencial e ficcional e de entendimento dos modos pelos quais pode se (re)construir.

A escrita poética de escritoras negras, neste íterim, por vezes se mostra comprometida com vozes poéticas carregadas de desejos de emancipação feminina e de tornar-se dona de si, tal como a de “Osun Janaína”, de Livia Natália Souza<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Livia Maria Natália de Souza Santos é natural de Salvador. Ganhou o Concurso Literário do Banco Capital em 2011, Categoria Poesia, com o livro *Água Negra*. Lançou, em 2015, *Correntezas* (Poemas), *Água Negra e Outras Águas* (2016), *Dia bonito pra chover e Sobijos do mar*, em 2017. É Mestre e

Descobri que, para mim,  
ser mulher basta.  
Para puxar véus,  
Levantar saias  
Pintar as unhas de vermelho feroz –  
mesmo que seja só para depois dizer: para.  
Ou ver a dança des-contínua do seu corpo  
sobre o meu (o meu oposto)  
Pelo espelho que se emancipa  
das paredes deste quarto  
e desta tarde delicada.  
Mas sempre ser mulher basta:  
Posto que é inteiro e vão,  
onda que bate na pedra e se despedaça  
apenas para voltar inteira  
– afogada –  
num mar de (in)diferenças  
onde cada gota solitária e única  
forma um discurso descomposto,  
cambiante,  
plural:  
Mesmo quando me atiro sobre esta pedra,  
que me rechaça.  
(SOUZA, 2011, p. 31)

O título do poema – “Osun Janaína” – é, indubitavelmente, o prenúncio do tom emancipador que desfila nos seus versos. A referência da voz poética é uma deusa africano-brasileira de tantos nomes, a qual tem, entre outros arquétipos, destemor, beleza, amor, faceirice, generosidade e resistência. Em um breve relato-reflexivo, a voz de uma mulher conta, fragmentadamente, momentos e vivências de relações afetivas, embora pareça que lhe importa mais pensar sobre eventos e movimentos – simbolizados pelos signos onda, mar e pedra – que lhe possibilitem desaprisionar-se e se soerguer.

Caracterizam-se esses versos como cortes de tecidos, formados por recortes de escritas e leituras de si que refletem práticas reflexivas e afirmativas, através das quais não somente se cantam, lamentam e reformulam o passado histórico, condutas e cicatrizes, mas também inventem modos de recriação de si, de cultivo de si e do pensamento, tendo em vista o desejo da autorreflexão, autonomia e de reelaboração de si com suas experiências.

---

Doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).  
É professora Adjunta de Teoria da Literatura da UFBA.

Destarte, os versos agenciam uma estética em favor da mobilização de identidades fixas (HALL, 2000; 2006), estereótipos e de rígidos papéis sociais, auferidos às figuras femininas. Configuram-se, ainda, como uma oportunidade relevante de e pela palavra, em um tom poético, mas denunciativo e, concomitantemente, afirmativo, se se fizer necessário, inscrever rastros e outras figurações de si (nós) afirmativas em meio a jogos de resistência.

Memórias poéticas, neste sentido, constituem-se em busca de autoformação pautada por práticas de constituição de saber, uma vez que permitem desenhar técnicas de construção e de cultura do sujeito e de processos de subjetivação que impliquem em maneiras de resistência contra quaisquer formas de sujeição, inclusive amorosa. Ademais, com palavras propositivas, elas nos desafiam, corajosamente, a nos destecer sempre que se fizer necessário, suscitando em nós a ânsia pelo (auto) empoderamento e pela firme decisão de nos reinventarmos a cada dia.

### **À guisa de conclusão**

Poucas vozes poéticas, ainda, em memórias literárias de escritoras negras, rememoram ou reinventam suas infâncias, como geralmente procede a tradição do memorialismo e das autobiografias. Essas buscam, incessante e comumente, “recuperar” a infância, como tentativa de fuga das circunstâncias existenciais; demonstração do descontentamento mediante o vivido e até o presente; volta-se, inclusive, aos primeiros anos de vida, procurando afastamento de meios sociais com cujos princípios não se compartilham.

Essa não parece ser uma verificação sem razão. Talvez se justifique por reconhecer que identidades são construções que se narram processualmente. Poucas, a depender da geração, têm o que cantar e contar sobre uma infância negra, marcada por experiências positivas e afirmativas. Diante disso, a (re) invenção de eu (s) negros femininos se dá, no Brasil, na medida em que se crescem e se estabelecem relações com os vários mundos e experiências, por vezes, conflituosas, devido aos preconceitos e discriminações raciais e à dominação masculina.

O contar de si/nós, poeticamente, nesta perspectiva, por vezes implica em romper com tempos evolutivos, determinados e linearidades. Não obstante a referência às ocorrências situadas, com marcas temporais, os versos poéticos entrecruzam passado e presente, ficcionalizando momentos vividos (ou não), a qualquer tempo, nem sempre tendo como ponto de partida os primeiros anos de vida. Ademais, acompanhar temas como infância, (des)amores, (des)afetos e solidão, dentre outros temas, na produção literária de escritoras negras, parece necessário para continuar a pensar sobre suas memórias poéticas como tessituras de reinvenções de (re)existências. Esse é, quiçá, um bom desafio que emerge deste texto!

SANTIAGO, A. R. Poetic Memories of Black Female Writers: Reinventions of (Re) Existences. **Itinerários**, Araraquara, n. 46, p. 35-50, jan./jun. 2018.

■ **ABSTRACT:** *The literary writing of black female authors is often a practice of autonomy, since their literary production subverts practices of banishment of their own voices. Their structures, in this sense, become ways of asserting and interpreting themselves. With literary language, they write other enunciations of themselves, drawn by stories, personal and collective memories, and by identitarian and literary projects in which one wants away from marks of subalternities and erasures. They enact referential and poetic I(s), stripping away some memories of what one wants forgotten and inventing memories and poetics of what one wants to remember. Thus, in this text, descriptive-interpretative readings of their poetic memories are presented with the objective of collaborating with the formation of their readership.*

■ **KEYWORDS:** *Black authors. Poetic memories. Reivention.*

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_, M. *Cry me a river*. In: ADÚN, M. G. et al (Org.). **OGUM'S toques negros: coletânea poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques, 2014a. p. 156.

ADÚN, M. Oin. In: ADÚN, M. G. et al (Org.). **OGUM'S toques negros: coletânea poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques, 2014b. p. 151.

BARBOSA, C. Oração. In: BARBOSA, CLÉA; FONSECA, J.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Importuno poético**. Salvador, 2012. p. 36.

BOSI, E. **Memória e sociedade** – Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FONSECA, J. Autoestima. In: BARBOSA, CLÉA; FONSECA, J.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Importuno poético**. Salvador, 2012a. p. 58.

\_\_\_\_\_. Ser poeta. In: BARBOSA, C.; FONSECA, J; OLIVEIRA, L. (Org.). **Importuno poético**. Salvador, 2012b. p. 32.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. Escritas de Si. In: **O que é um autor?** Portugal: 3 ed. Trad Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Portugal, Lisboa: Vega, 1997. p. 129-160.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da et al. (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília; Representação da UNESCO no Brasil, 2006.

JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo**. Diário de uma favelada. 2 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

OLMI, A. **Memórias e memórias** – Dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 3, 1989. p. 2-15.

SANTANA, R. Abismação. In: \_\_\_\_\_. **Alforrias**. Ilhéus-BA: Editus p., Editora da UESC, 2012a. p. 23.

\_\_\_\_\_. Agrestidade. In: \_\_\_\_\_. **Alforrias**. Ilhéus-BA: Editus, Editora da UESC, 2012b. p. 29.

SANTIAGO, A. R. Memórias literárias e a escrita de si/nós de Autoria Feminina Negra?. **Revista da Pesquisa & Pós-Graduação**, UFOP-MG, v.10, p. 67-73, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas/BA: EDUFRB, 2012.

SILVA, D. L. A água minou, minou... In: ADÚN, M. G. et al (Org.). **OGUM'S toques negros**: coletânea poética. Salvador: Editora Ogum's Toques, 2014. p. 56.

SOUZA, L. N. Osun Janaína. In: **Água negra**. Salvador: 2011. p. 31.

VIEIRA, L. Auto-biografia. In: ADÚN, M. G. et al (Org.). **OGUM'S Toques Negros**: coletânea poética. Salvador: Editora Ogum's Toques, 2014. p. 137.

